

A portrait of a young man with short black hair, looking slightly to the left. He has several piercings: two on his upper lip, two on his lower lip, and two on his forehead. He is wearing a black earring and a necklace made of white, blue, and yellow beads. He has a tattoo on his neck. The background is a dense green forest.

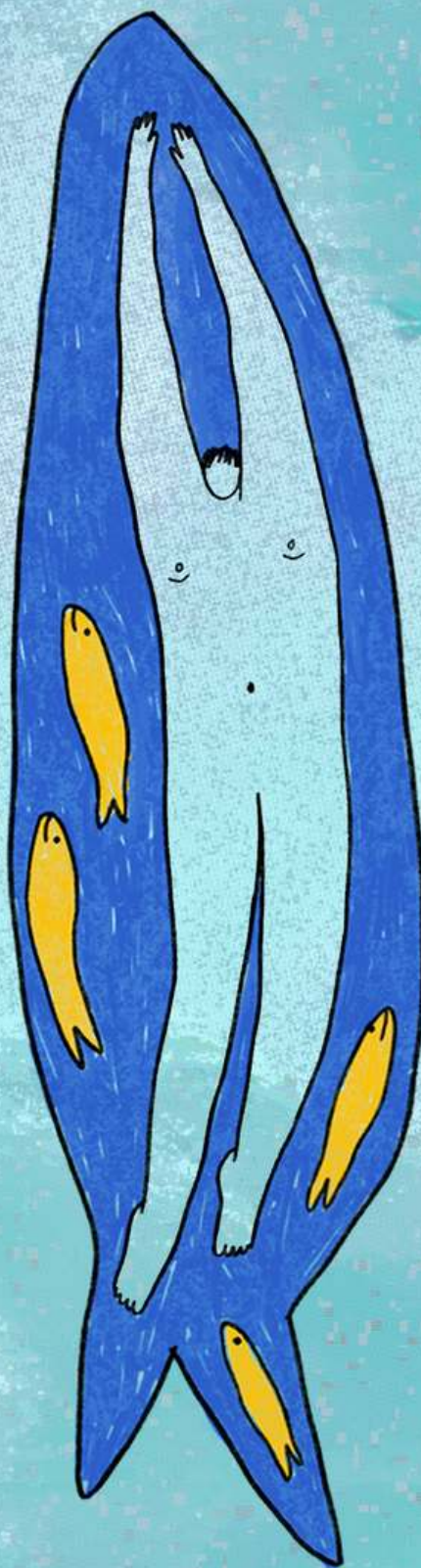
Marin Maciel

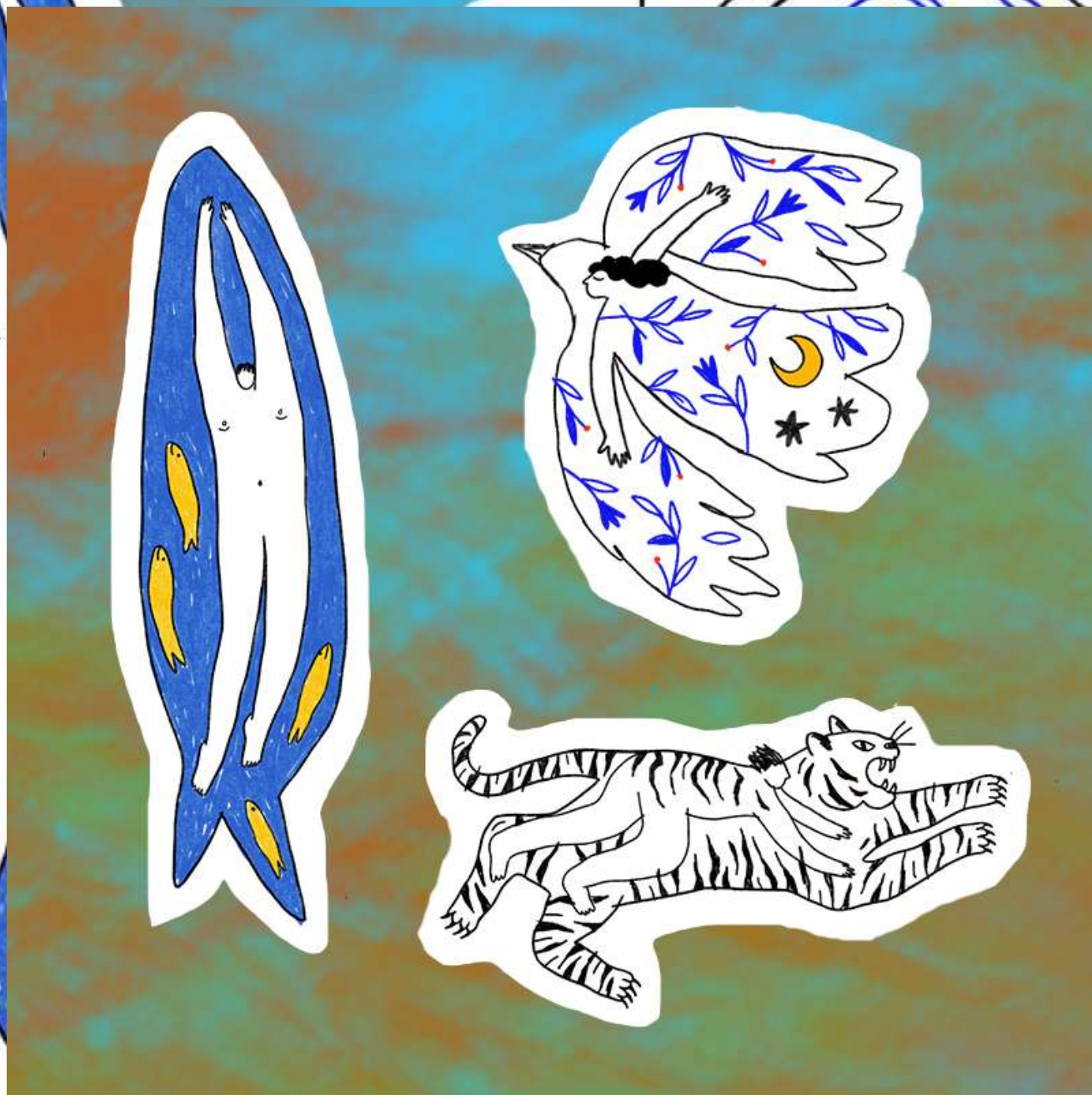
m4rinmm@gmail.com

Marin Maciel é multiartista transmasculino não-binário movido pelas imagens e sons. Originário das terras do Siará, atualmente tem 24 anos e trabalha em Fortaleza como designer gráfico, ilustrador, tatuador e animador. Se interessa pelos processos criativos e desdobramentos do desenho, experimentando diferentes suportes (telas, papéis, peles e muros) e linguagens visuais. Tem seus dias permeados pela musicalidade, enquanto batuqueiro e capoeirista. É produtor do coletivo TransTcholagi, onde promove ações culturais para a comunidade transmasculina e não-binária de Fortaleza. É produtor e puxador do BatuQdelUs, coletivo transcêntrico voltado para vivências percussivas de cultura popular. Está em processo de pré-produção dos curtas de animação Marimbã Está Acontecendo e SOPROS, os quais é diretor, roteirista e animador. É bacharel em Design Gráfico e de Produto pela Universidade Federal do Ceará. Fez sua primeira publicação “corpo-bicho-tatuado” em formato de zine, resultado da sua pesquisa de TCC. Foi ator, produtor e instrumentista no espetáculo transcêntrico TextoTrúqui, em Fortaleza. Sua arte é atravessada pela vivência cotidiana de um corpo dissidente e imaginário, contemporâneo e ancestral.



Marin Maciel









Cruzar o invisível até que o vazio esteja tão cheio que se escute o barulho do silêncio.

Marin Maciel

Diante de uma obra de Jaider Esbell, fecho os olhos para lembrar de muita coisa que não vivi. Registro um sopro:

Pelos punhos da minha rede eles desceram até mim. Cantavam e dançavam ao som dos maracás no silêncio da mata escura. De olhos fechados eu via suas cores e texturas me atravessando, meio a camadas e recortes da memória. "Diga a eles que sonhem! Para além do que imaginam ou desejam na vigília...", sussurrou um espírito com forma de tartaruga, enquanto pousava seu casco-casa na terra, abrigando meu corpo. "...assim podemos mostrar o caminho de volta", sussurra.

Em um movimento para trás, me vejo diante de mais um esquecimento. O que estou preservando a partir dele? Da dormência é onde retomo para criar o caminho.

fPra frente, trás, pra baixo, pra frente e cima. Exu vai abrindo. Como confluir memórias de um sangue apagado após tantos rastros? Sangue-seiva, árvore familiar, semente originária. Raiz seca e arrancada. Meu avô calou-se cedo. Seus olhos me diziam muito do que não pude saber. Meu povo foi convertido para findar a colheita. Renegando o que hoje me mata de sede, ainda que do meu tronco jorre tanta água, ainda que eu só fale através dela. Tenho sede. E quero ficar tão molhado que minhas raízes cresçam firmes, agarrem esta terra e se nutram de seus encantos. Apenas fico por muito tempo na água, por isso às vezes me sinto imensidão.

Uma vez um Velho Peixe de Milhares de Histórias me lembrou que eu também já vivi várias. São muitos os segredos diante de corpos insaciados. Pelos passos que me sopram, a guiança presenteia meu espírito. A intuição é o que me calça. Estou acontecendo pele descamada. Por baixo de tantas outras ela brota, não tão clara nem escura. Artificialmente declarada em lugar-algum. Não-lugar de canto nenhum. Uma história que não tem palavras, é só ouvir. A pisada no chão, a pisa do tambor, os conselhos da fumaça. Viver a ancestralidade na prática. Desaprender o que foi imposto.

Pensar o mundo a partir de outras cosmovisões. Cruzar o invisível. Sonhar outros corpos possíveis de habitar. Encontrar abismos inconscientes. Ser tragado pelo mistério.

Tem coisa que só eu vejo. Tem coisa em mim que só o outro vê. A disforia diante do espelho vem muito antes dessa imagem. Pelo reflexo, roubaram memória, essência, alma. Aplico T para transbordar o que me deixaram. Para criar cascas, pelos, raízes e escamas. A passagem de ar da garganta já não é a mesma, da boca já não sai o mesmo tom. Quero tirar do peito um som, que estranhamente agoniza e de felicidade expande. Experimentando morte em vida, como restos e rastros de uma cobra, tudo vira colagem de mim mesmo. Transmutação é fronteira que transborda. Transição é movimento circular. Tal hora retornei para onde eu sempre estive, que alinha com o desejo de me sentir vivo e até um pouco inteiro. Eu tinha outro pensamento antes de ser assim. Incertamente reescrevo, perdidamente me assumo.